



Cinema

Ano 1º
Nº 12

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Preço
1,00

Na Capa: — Marie Glory, protagonista do filme «A Amorosa Aventura»

Redactores:

João Santos e Sousa Martins

Redacção e Administração: Rua do Bomjardim, 436-3.º PORTO

CINEMA

SEMANARIO CINEMATOGRAFICO

Director e Proprietário: ALBERTO ARMANDO PEREIRA

— Este numero foi visado pela comissão de censura —

ASSINATURAS
Continente e Ilhas: Trimestre, 12\$00, Sem. 24\$00, Ano, 46\$00 — Ultramar: Trimestre, 14\$50, Sem. 29\$00, Ano 56\$00.

Administrador e Editor: Eugénio Peres

Comp. e imp. nas officinas da Empresa AQUILA Rua Duque Saldanha, 312 PORTO

Mas, para isso, era necessário proceder de pressa. Era necessário, mesmo, que um verdadeiro milagre se produzisse! Hitú dera três dias... Três dias, um dos quais já tinha passado... Só havia duas auroras... Duas auroras para que Matahi encontrasse três mil e tresentos dólares!... Era de endoidecer!

Reri reflectia, pois. Por seu lado Matahi, contemplando o mar resplandecente, ia revolvendo na cabeça os mesmos problemas e sofria em seu coração puro.

Por fim, o polinésio, quando a aurora enrubescia já o cimo das grandes árvores, concluiu que só a descoberta duma pérola mais perfeita o poderia salvar. Mas, nos bancos onde ia mergulhar todos os dias, a sua sorte era escassa, só apareciam outras minúsculas, longe do seu completo desenvolvimento. Se se atrevesse... Na baía «tabú» havia fundos inexplorados, onde, com certeza, se deviam encontrar pérolas boas...

Mas esse *lagaou* fôra declarado «tabú» depois que um pescador, havendo-se aventurado a vinte metros de fundo, all fôra surpreendido por um tubarão, nunca mais voltando a aparecer. Abundavam ali os esqualos: primeiro perigo; e a água não era tam clara como noutras partes. Emfim, a interdição dos deuses pesava uma vez mais naquele ancoradouro; mas Matahi, o reprovado, já o não receava!

Deitados lado a lado, toda a noite procuraram uma solução. Reri, apoiada nos cotovelos, e ao volver os olhos para o lado da porta aberta, tinha receio de ver surgir, de súbito a silhueta do feiticeiro. Matahi apertava em seus braços aquela que amava, e, na doce tepidez das trevas, não encontrava apaziguamente nem repouso!

O indígena sentiu impeli-lo uma espécie de força sobrenatural. Levantou-se de vagar, pegou na pagala e na faca e dirigiu-se para a praia. O tempo estava bom e fresco. O homem caminhava apressadamente, resolvido a tudo. E os cumes da ilha, cobertos com os primeiros clarões do sol, podiam brilhar com um resplendor mágico: Matahi, na cólera e na angústia do seu coração, não pensava em admirar o espectáculo para elle sempre novo.

Reri sentira-o partir; pôs-se de joelhos e viu-o afastar-se com um olhar em que se podia ler uma ternura infinita. Havia tomado uma decisão irrevogavel; e pensava então em que nunca mais tornaria a ver aquele que tanto estremecia: era

Narração Cinematográfica de F. W. Murnau e R. J. Flaherty

“Tabu”

Apresentada pela “Paramount”

11 — (Continuação)

preciso que a lei dos deuses se cumprisse; e, para afastar da cabeça do amante a cólera dos «que nos governam», i la sem detença, humilde e resignada, lançar-se aos pés do sacerdote e implorar o seu perdão. Matahi, no regresso, encontraria a casa — a pobre e querida cabana! — vazia; compreenderia acaso o sacrificio que se tinha imposto a sua companheira?

Reri traçou algumas palavras de despedida numa folha e deixou-a bem visível em cima da cama; depois partiu por sua vez, toda trémula na solidão da manhã.

Dirigiu-se a uma ponta que dominava o mar; nas ondas côr de estanho velho, descobriu Matahi, que pagalava com todas as suas forças na direcção da barra e da baía sagrada. Nesse momento, toda a coragem da «pérola das ilhas» se fundiu. Caiu de joelhos, ferindo o rosto com as unhas; de seus olhos não cessavam de correr lágrimas claras como diamantes; limpava-as com a palma das mãos, mas acudiam logo outras.

O sofrimento mordia-lhe o coração, como o faria um animal feroz; sentia que as garras do desespero se lhe cravavam nos ombros débets. Com toda a sua alma, Reri chorava a felicidade perdida, e que nunca mais poderia encontrar! O céu, depois de lhe ter dado a sua parte de ventura na terra, tirara a desforra. E duma forma trágica!

Pobre Reri! A medida que a piroga, movida pelos braços vigorosos do atleta, se afastava cada vez mais à claridade, do dia nascente, cada vez mais tambem se ia consumando a ruína do seu amor.

Quando, entre as pesadas ondulações do lago, já se não distinguia o estreito esquiife, Reri sentiu que tudo tinha acabado! Não passava dum corpo miserável, onde o pensamento só habitaria agora torturado de mágoas dilacerantes e de lágrimas. A sua alma desapareceu ao longe com o barco minúsculo. Para salvar o mancebo que adorava, só lhe restava agora ir até o fim do seu calvário.

Ouviu então passos fazendo estalar as folhas; voltando-se, reconheceu Hitú que, sem pronunciar uma palavra, lhe pegou pelo braço, arrastou-a a tremer, incapaz de reagir, para o pontão onde uma chalupa se preparava para partir, com a sua bela branca panda. Naquele momento, não era Reri, a alegre rapariga das ilhas, mas o seu fantasma... A Reri

de Matahi estava morta, completamente morta, desde o instante preciso em que a piroga de balanço, deixara de tornar-se perceptível entre as muralhas mudevidas do mar oceânico...

Entretanto Matahi, de coração inquieto mas vontade resoluta, dirigia-se para a baía do «tabú». A sua pequena embarcação cortava de través as pesadas ondas e ia atravessando as vagas com a presteza dum golfinho que brinca. Sentia-se cheio de esperança; remava com todas as suas forças. E, embora os vagalhões pegassem na embarcação obliquamente, quasi a tombando, Matahi endireitava-a a tempo, guiado pelo instinto atávico e pelo hábito.

Depois de duas horas de luta com um mar difficil, Matahi atingiu a baía prohibida. A água all era calma, unida como um espelho; uma barreira de corais, da largura de alguns metros, isolava-a dos assaltos ulivantes da espuma. Em meio do *atoll*, uma boia primitiva, com a simples palavra em letras brancas «tabú», indicava o lugar exacto onde perecera o mergulhador ousado. A mais horrorosa das mortes, nos dentes dos esqualos!

Matahi, que sabia como as ostras perliíferas, naquele precioso lugar, eram numerosas e adultas, largas como duas mãos juntas, amarrou a piroga à própria boia. Gesto de desafio em face daquellas divindades cueis, cuja omnipotência afrontava. Mediu a profundidade com a corda plúmbea que os mergulhadores se servem para atingir rapidamente o fundo.

Encontrava-se precisamente em cima do plató rochoso, semeado de corais e de madreporas, terreno ideal da sua caça!

Calculou umas vinte braças a profundidade exacta. Não poderia, sem risco de asfixia, descer mais baixo nem ver claramente.

Ao sacudir a corda, percebia depressões bruscas, e o facto atestava que, se fosse preciso, estava no fundo de recifes, com ramos de algas. Se não encontrasse, nesse lugar, sob as mãos tateantes, ostras em cacho, seria caso para fazer desesperar o seu insrlnto de especialista!

Matahi fez subir, pois, a sua corda, cuja extremidade atou ao balancim.

Se lhe faltasse a respiração ou qualquer outro acidente — sangria do nariz ou das orelhas — acaso o surpreendesse, poderia assim salvar-se mais facilmente do que nadando, solução lenta num caso desesperado...

(Continua.)



O realizador Frank Tuttle está dando instruções a Lily Damita e a Roland Young, para uma cena "This is the Night" ("Esta é a Noite"), que a "Paramount" terminou muito recentemente. A' direita, Chester Morris e Carole Lombard estão à mercê da camara e do "mike", para o filme "Sinners in the Sun" ("Pecadores ao Sol"), também da "Paramount".

O Cantinho dum Cinéfilo

Bravo! Já temos a Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses!

Assim o sabemos pela camarada «Imagem», que teve a sorte de receber, de mão amiga, uma carta-circular em que se anuncia a constituição daquela sociedade.

Punhamos de parte o facto de tal informe chegar ao conhecimento da imprensa por intermédio de «mãos amigas», que não oficialmente, como seria natural, uma vez que a sociedade em questão está já organizada. Como medida publicitária, é já um mau começo, que principiamos por desculpar, na esperança de que a nova empresa não esqueça que a publicidade merece de todas as grandes firmas produtoras atenções das mais cuidadas, e, como tal, que é mister incluir na sua organização um bem organizado «publicity department».

Uma secção de publicidade que trate dos assuntos da imprensa — não esquecendo os anúnciosinhos, é claro... E «Cinema» cá fica às ordens da «S. F. S. P.»!



Mas voltemos ao princípio.

Já está organizada a sociedade que vai construir em Portugal um estúdio destinado à produção de filmes sonoros portugueses. Já se indicam, positivamente, nomes que, só por si, devem rasgar o caminho da confiança, mesmo aos que nestas coisas de emprêgo de capital navegam sempre nas águas da dúvida e da precaução desmedida. Já se avisinha, pois, a possibilidade de se produzir filmes falados na nossa língua, feitos em Portugal, com artistas portugueses, com gente portuguesa.

Se eu recebesse a organização da nova empresa com o olhar superficial com que muita gente encara negócios de certa importância e apenas fosse profundo no estudo analítico do nosso passado em matéria de produção cinematográfica, eu descreveria absolutamente dos bons resultados da nova sociedade. Se atentarmos no que foi a vida efêmera da «Lusitania», da «Patria», da «Caldevilla», da «Iberia», da «Lupo» e de tantas outras empresas que se constituíram de

ha 15 anos para cá, para a produção de filmes portugueses; se alcançarmos o sacrifício enorme da «Invicta-Film», sustentando-se, trabalhando continuamente durante muitos anos — e para quê, tanto sacrifício, afinal?; se verificarmos o que ficou depois de tanto trabalho e de tanta canseira; se volvermos a esse passado, olhando apenas aos resultados obtidos, sem curarmos de saber as causas que os produziram, então não acreditaremos nas possibilidades de êxito da Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses.

Mas é preciso ponderar. É necessário compreender que a situação se modificou completamente e que a posição em que agora se encontram as possibilidades de sucesso é verdadeiramente optimista. O cinema falado veio aquecer o mercúrio no termómetro do êxito, veio abrir ao cinema português um caminho largo, amplo, sorridente, veio dar-lhe uma oportunidade muito grande, muito forte, mas que é preciso aproveitar a tempo.



Compete-nos, a todos, cinéfilos portugueses, ajudar os propósitos da Sociedade de Filmes Sonoros Portugueses.

Esta empresa vai lançar no mercado acções de 5000 (cincoenta escudos) cada, que podem ser pagas em cinco prestações mensais de 1000. Por que motivo não havemos todos nós de contribuir com a nossa quota parte para a produção de fonofilmes na nossa língua? Por que motivo deixaremos de comprar uma só acção que seja da nova sociedade, pagando 1000 por mês? Eu creio que poucos serão os cinéfilos que não possam pôr de parte 1000 por mês, durante cinco meses, importância que empregarão, aliás, com enormes possibilidades e muitas probabilidades de um juro compensador, numa acção da «S. F. S. P.».

Eu cá estou confiante no futuro da nova sociedade. E para dar o exemplo, na medida das minhas pequenas disponibilidades, peço aos senhores da «S. F. S. P.» que inscrevam o meu nome como subscritor de 5 acções.

O público português quer filmes portugueses.

C
I
N
E
M
A

O que o amor tem cus

As «estrêlas» de Hollywood são trabalhadoras, activas e fortes. Aventuraram-se, mesmo sem pensar nas conseqüências. Eu chamo-lhes «ciganas da fama», porque sem temor e sem arrependimento sacrificam a sua fama e o seu dinheiro, com muita freqüência, nas aras do amor.

Em Hollywood sucederam-se os casos amorosos mais desinteressados e mais importantes do mundo. E os preços tremendos que por eles pagaram as «estrêlas» somam muitos milhões, metalicamente falando, sem contar as dores, desilusões e contratempos que a cada passo tem de sofrer.

Retrocedendo aos dias em que Douglas Fairbanks se enamorou de Mary Pickford, teremos o exemplo perfeito dum caso de verdadeiro amor. Os dois estavam casados. Ela com Owen Moore e ele com Beth Mairbanks, mãe do jovem Douglas, hoje casado com Joan Crawford. Mary era uma católica muito devota e para ela a palavra «divórcio» significava qualquer coisa de terrível. Era, além disso, o ídolo supremo do público e Douglas estava muito perto dela na perigosa escada da fama. O enamorar-se um do outro não era coisa segura para eles, mas quem pode prever uma paixão inesperada? Ninguém.

Mary foi viver para Ren com um nome suposto, e, logo que obteve o divórcio de Moore, casou-se de novo com Douglas. Fazendo isto, os dois colocaram-se em situação difícil. Correram o grave perigo de «ser assassinados» profissionalmente pela imprensa cinematográfica. Arriscaram também as suas carreiras, o seu futuro, a estima dos seus amigos e «o que dirão» pelo grande amor que sentiam um pelo outro.



Dolores del Río confessa que sempre esteve enamorada de alguém

Por sorte para eles, o seu romance desenrolou-se antes que o mundo poliasse os seus olhos em Hollywood, como o faz actualmente.

O divórcio de Mary em Ren passou quasi despercebido. Mas imagina-se o que sucederia hoje se ela se divorciasse de Douglas!

As «estrêlas» são agora «notícias» na imprensa diária, que vigia sem piedade todos os seus movimentos, para depois os trasladar ao papel. O enamorar-se hoje em dia em Hollywood significa qualquer

MARLENE DIETRICH, a mulher de aço e de bruma...

Jorge Ramos.



... teve que sofrer a vergonha e a humilhação que lhe infligiu a esposa de Josef von Sternberg...

coisa de perigoso, de arriscado e de enorme transcendência.

Vejamos o exemplo do pobre Charlie Chaplin. Como pagou caras as suas duas aventuras matrimoniais! Com dores de cabeça, do coração e com um milhão ou dois de dólares!

Dois dias depois da morte de seu filho, Chaplin compreendeu que já não amava sua esposa Mildred Harris e pouco depois divorciaram-se. Ela tinha apenas dezanove anos e a cabeça posta em coisas frívolas, pouco se importando com as coisas de seu marido. Era uma rapariga formosa e leviana, que desejava divertir-se.

O romance de Charlie com Pola Negri custou-lhe notoriedade e agitação. Em letras enormes, fez-se saber ao mundo que iam casar, mas, embora não seja duvidoso que se amassem, o certo é que deixaram de querer-se. Foram excessivamente curiosos no interesse que tomaram pelo assunto e, por isso, o interesse tinha de desaparecer.



Ricardo Cortez, o galã dos olhos tristes, hoje mais triste que nunca, porque é um viuvo inconsolável

Mais tarde houve outro romance na sua vida: o seu repentino amor por Lita Grey, com quem se casou e de quem teve dois filhos. O divórcio custou-lhe um milhão de dólares, grande escândalo e um profundo golpe no seu amor próprio. E, para cúmulo de desgraça, o juiz concedeu a guarda dos dois rapazes à mãe, ficando Charlie sem os filhos, sem o dinheiro e coberto de vergonha e de opróbrio, com os olhos do mundo postos em sua meúda pessoa em sinal de inter-rogação.

Não foi muito caro o preço que lhe custou o amor?

E com quanta tristeza recordamos a bellissima Bárbara La Marr! Uma mulher nascida para amar e ser amada. Uma mulher divinamente formosa, sempre enamorada de alguém. Sempre amando com paixão e entregando-se por completo. Cuidava mais dos seus assuntos amorosos que da sua carreira. Se com ela Bárbara se tivesse preocupado a valer, sem dúvida que poderia prolongar a sua vida, mas amou com demasiada plenitude e pagou os seus pecados com a morte. Uma vingança excessivamente rápida por ter amado a vida e o amor tam altivamente.

Dolores del Río confessa que sempre esteve enamorada de alguém.

Mais afortunada que outras beldades, foi sempre correspondida, mas também pagou com penas tristes e humilhantes o seu muito amor.

Quando o seu primeiro esposo morreu, pouco depois de se divorciar dela, Dolores ficou em posição precária. Foram divulgadas histórias viciosas e pungentes, dando a perceber que Jaime tinha morrido em conseqüência do enorme desgosto que sofrera, porque Dolores se divorciara dele. Precisamente nessa época, Dolores era uma das «quatro» grandes «estrêlas» do mundo cinematográfico. Edwin Carewe, seu director e descobridor, estava loucamente apaixonado por ela e Hollywood, que o não ignorava, inventou as mais grosseiras patranhas

tado às «estrêlas»

ace as relações entre os dois. Dolores, como era doutro país, deu demasiada importância ao assunto, e adoeceu de tristeza e de humilhação.

E que sucedeu? Afastou-se de Carewe e de Hollywood. Partiu com sua mãe para longe de tudo aquilo de coração dolorido, porque não podia compreender os outros, da mesma forma que os outros não a tinham compreendido a ela. Não ignorava que seria tempo perdido tentar convencer toda a gente de que Jaime del Río tinha deixado de ser seu esposo, mas que não tinha deixado de ser seu amigo, o melhor amigo que tinha no mundo, e que a sua morte lhe causara uma dor imensa.

Dolores era orgulhosa, forte e honesta. Visto que o amor de Carewe a punha em situação tam pouco invejável, o melhor era separar-se da sua tutela. E partiu com uma pena imensa no coração, com a alma despedaçada, mas disposta a pôr termo a uma situação tam humilhante para uma mulher honrada, porque ela sentia agradecimento e devoção por Carewe, mas nunca tivera por ele o menor assomo de amor.

Mauritz Stiller, o director, encontrou e amou Greta Garbo. Graças aos seus rogos e influência, Garbo chegou a vir aos nossos «ecrans».

As histórias que circularam um ano depois foram provavelmente verdadeiras até certo ponto. Greta e John Gilbert tinham-se enamorado um do outro. Como é natural, isto molestou Stiller a ponto de voltar para a sua terra, onde pouco depois morreu triste e desesperado, ignorando-se ao certo as causas da sua morte, visto que não sofria de doença alguma.

Rodolfo Valentino amou várias mulheres. Sua esposa, Natacha Rambova, pela qual sentia grande admiração quando se casaram, deu muitas dores de cabeça ao pobre Rudy. Quando a «Paramount» consentiu que ela se retirasse depois de haver estropeado a produção de «Monstre Beucaire», Valentino revoltou-se. Muito enamorado, então, da sua exótica e jovem esposa, não se deu ao trabalho de calcular as conseqüências e rescindiu o seu estupendo contrato com a «Paramount».

Um gesto formoso, mas inutil e mal pensado, que certamente o não auxiliou na sua carreira. Mas o amor raciocina alguma vez?

Lupe Velez amou Gary loucamente. Mais de vinte vezes repeliu admiráveis contratos, porque a separariam do homem amado, e Lupe é mais mulher amorosa do que mulher artista.

A pequena Marguerite Clark, quando estava no auge da sua carreira, deixou Hollywood para se casar com um homem de Nova Orleans. E pouco depois o seu nome caiu no olvido. Hoje vive sossegadamente, rodeada de luxo e de conforto, na régia mansão de seu marido em Nova Orleans. Teve a grande sorte de triunfar na sua carreira matrimonial como havia triunfado cinematograficamente. Mas não sentirá, de vez em quando, a nostalgia da fama, que voluntariamente abandonou?

A eloqüente Phyllis Haver tornou-se

popularissima depois de haver trabalhado em «Chicago» e em «O Eterno Problema», e já era indicada para o papel de «estrela» pela «Paramount», quando se lembrou de casar-se com um multimilionário de Nova York, que lhe pediu deixasse completamente e para sempre a sua carreira e Hollywood. Depois de lutar sete anos para obter fama e glória, tudo deixou precisamente no momento em que ia conquistar o grau de «estrela», e tudo em benefício do homem amado.

Florence Vidor fechou a sua caixa de maquilhagem sossegadamente quando o famoso violinista Jascha Heilitz lhe suplicou se casasse com ele. O seu amor foi tam grande que Florence deixou de ser actriz para se converter apenas em esposa e mãe.

Dolores Costello deixou de dar importância ao seu trabalho cinematográfico quando se enamorou de John Barrymore. Ganhava então muitos milhares de dólares por semana, mas sacrificou-os gostosamente para se unir ao homem amado. Já tem uma filha e no próximo verão deve voltar a ser mãe.

Um dos casos mais lamentáveis e tristes é o de Alma Rubens e Ricardo Cortez.

Casaram-se quando ela era uma das beldades mais famosas de Hollywood e ele um dos galãs mais disfrutados. Alma estava viciada, e, embora lutasse com todas as suas forças para vencer o terrível vício, o seu corpo não correspondeu e morreu deixando Ricardo com o coração despedaçado. Meses antes daquela desgraça, tinham-se separado e divorciado, porque ela o não queria ver, mas, logo que soube que estava prostrada na cama, foi vê-la e nunca mais se separou do seu lado até o momento em que o seu corpo recebeu a sepultura.

Entretanto, outros actores tomaram o lugar de Ricardo, sendo quasi para ele impossível conseguir trabalho quando se viu livre da pena que tam fundamentalmente se apoderara dele.

Hoje, Ricardo tem os olhos mais tristes do mundo e, embora tudo faça por esquecer, raras vezes o consegue.

Poucos sabem que Tom Mix rescindiu um contrato de dois milhões de dólares, porque sua esposa não estava resolvida a acompanhá-lo à América do Sul.

Tom assinara um contrato com uma



Clara Bow, a endiabrada Clarinha, a quem o amor custou rios de dinheiro, está hoje casada e um pouco afastada... Transformou-se numa mulher sisuda...

companhia de Buenos Aires para fomentar a vida campestre na Argentina e em recompensa a engrossar a sua curta corrente com a bela soma de dois milhões de dólares. A mulher disse-lhe que deixaria as suas amigas e a sua pátria para o seguir, mas Tom soube pelos seus conhecidos que Virgínia o não acompanha-

UM ESCLARECIMENTO

Os nossos brindes

Informam-nos as casas carregadas da distribuição dos livros da "Coleção de Sempre" nesta cidade, de que muitos leitores teem aparecido a reclamar o segundo volume desta coleção, intitulado

O Amor Vence.

Achamos extraordinario o facto, dado o cuidado — até excessivo — que temos pôsto em apresentar o mais claramente possível as condições em que deve ser feita a requisição. Não obstante, vamos procurar ser mais claros ainda.

O volume que se encontra em distribuição intitula-se

Mulher que passa...

e é entregue aos leitores do Porto nas casas abaixo indicadas a troca das senhas 8 e 9 e de Esc. 1\$20.

O segundo volume

O Amor Vence...

só pode ser requisitado nas mesmas casas mediante a apresentação dos numeros do "Cinema" correspondentes, (10, 11, 12 e 13) visto terem sido abolidas as senhas, pelas razões já expostas, nos exemplares destinados à venda avulsa nesta cidade.

Quanto à distribuição de livros em Lisboa, Provincia e Ilhas, nada ha a acrescentar ao que já temos dito.

PORTO...

Papelaria A. J. de Almeida — P. Guilherme Gomes Fernandes, 60.

Papelaria da Moda, (Almeida & Filhos) — Rua de Santa Catarina, 280.

Tabacaria Central da Trindade — Travessa da Trindade, (no edificio do Salão Jardim da Trindade).

LISBOA...

Agencia Internacional de Livraria e Publicações, Lda. — R. do Crucifixo, 31-2.º

Provincia, Ilhas e Ultramar... todas as Agencias de venda de "Cinema".

IMPORTANTE

Conforme dissemos no numero anterior, a distribuição do romance

Mulher que passa...
cessa no dia 11 do corrente.

A ESPOSA DE JOSEF VON STERNBERG DESISTE DO PROCESSO QUE MOVEU CONTRA MARLENE DIETRICH

Por um acôrdo realizado no dia 22 de Março à noite, nos estúdios da «Paramount», em Hollywood, Riza Von Sternberg, esposa do realizador Josef Von Sternberg, desistirá do processo que nos tribunais de Nova-York moveu contra a actriz Marlene Dietrich, motivado por uma entrevista publicada num jornal de Viena, em Dezembro de 1930.

Segundo os informes que temos, o autor do artigo em questão, o Dr. Sandor Incze, escreveu uma carta a Marlene Dietrich retratando-se do que havia publicado no «Neues Wiener Journal».

Em face dessa carta, a esposa de Josef Von Sternberg declarou que ia participar aos seus advogados a sua desistência do referido processo.

va de boa vontade. Para lhe evitar um desgosto, esqueceu-se dos benefícios que ia retirar e cancelou o contrato. Ela, em recompensa, divorciou-se dele pouco depois.

Eliminar a ruiva Clara Bow dos anais das figuras românticas de Hollywood seria uma injustiça. As lutas emocionais de Clara viajaram por todo o mundo em letras de fôrma.

A esposa do médico William Earle Pearson demandou-a judicialmente, pedindo 150.000 dólares por perdas e danos. A boa senhora avaliava o carinho de seu marido nesse preço. O caso provocou um escândalo fantástico, e Clara, generosamente, deu 30.000 dólares à «lastimada» esposa para que a deixasse em paz e sossego. O seu namoro com Harry Richman tambem foi notório e não só lhe custou muitos dólares como tambem contra-tempos e desgostos. E assim lhe succedeu com todos os homens que amou. Durante dois anos, teve relações com Rex Bell, e, quando se retirou porque a sua saúde lhe não permitia trabalhar, Rex levou a para o seu rancho, a fim de que recuperasse a saúde perdida e a fé em si-mesma. Casaram-se ha pouco, e Clara está agora pensando voltar ao cinema, que chama por ela. Mas voltará a ser a alegre rapariga de outoro? E' duvidoso.

Marlene Dietrich gosta do seu esposo e sente uma adoração sem limites por sua filha. E' jovem, rica e famosa, mas todas estas coisas e a sua própria formosura não conseguiram fazê-la uma mu-

lher feliz. Ha pouco ainda, teve que sofrer a vergonha e a humilhação de se ver comprometida pela esposa do director Josef von Sternberg, a qual alegava que Marlene, com os seus encantos, fizera perder a Sternberg o amor que sentia por ela.

E' bem certo que as «estrelas» são «ciganos da fama». Tomam o que querem, quando o desejam e onde o encontram. Seguem-se depois dias e noites de carnaval e de amor. Vivem tambem momentos sérios e de intensidade, e às vezes teem filhos. Mas sabem sempre amar e sabem perder.

MARCELA BURKE.

Ouvimos dizer...

que a casa Castelo Lopes já adquiriu o filme "Luzes da Cidade".

que, no entanto, ninguem daquela casa o afirma.

que o "Olimpia", do Porto, estreará brevemente o filme "Amores duma Diva", com a cantora Grace Moore. que o Teatro S. João, do Porto, vai ser transformado em cinema sonoro.

que o principal interessado nessa transformação é o Snr. Alvaro Pires, que foi o activo dirigente do cinema "Águia d'Ouro".

que, para esse fim, já estão entabuladas, em principio, negociações com a "Western Electric" para a possi-

Efemérides da semana

De 9 a 15 de Abril

Abril 9 (1920) — Estreia-se no cinema "Central", de Lisboa, a fita em séries "O Rei do Circo", com Eddie Polo.

10 (1868) — Nasce em Londres o actor George Arliss.

12 (1908) — Nasce em Carthage, Illinois, Virginia Cherril, que 21 anos depois deveria ser a primeira figura feminina de "Luzes da Cidade", com Charlie Chaplin.

13 (1920) — Estreia-se no "Passos Manuel", do Porto, a fita em séries "A Casa do Odio", com Pearl White e Antonio Moreno.

15 (1919) — No Teatro Águia d'Ouro, do Porto, estreia-se a fita em duas partes "Fuga de Charlot", com Charlie Chaplin.



B R A N C O E P R E T O

Num fundo de arabescos pretos e brancos, o recorte alvinítico da figura "mignonne" de Alice White. Nós temos visto muito poucas fitas dela. O' senhores alugadores! Quando é que veem novas produções da garota Alice White, que merece (não é verdade, leitores?) aparecer mais vezes pelos nossos cinemas?

vel instalação dum aparelho desta marca naquele teatro.
 que tem agrado em cheio o filme "Do's Corações a Compasso", ha dias estreado no "Central", de Lisboa.
 que Lillian Harvey tem neste filme a sua melhor interpretação.
 que o "Batalha" reexibirá brevemente os filmes "O Lobo da Califórnia", com Ken Maynard e "O Mistério da Casa-Forte", com Harry Piel.
 que a Agência H. da Costa está disposta a passar alguns dos seus melhores filmes no "Central".
 que o "Águia d'Ouro" estreará em

breve o filme "Traição", com Charles Boyer.
 que o sr. J. Bru Ballester, director da "M-G-M" em Portugal, retirou para o estrangeiro.
 que foi substituido pelo Sr. L. C. Algrant.
 que, nas vésperas da partida, aquele Sr. fechou contrato com o cinema "Águia d'Ouro", para a exhibição no Porto dos filmes "Pamplinas em Pijama" e "Trader Horn".
 que o célebre filme "Tabú" será estreado no "Trindade" em principios de Junho.

Nesta semana fazem anos :

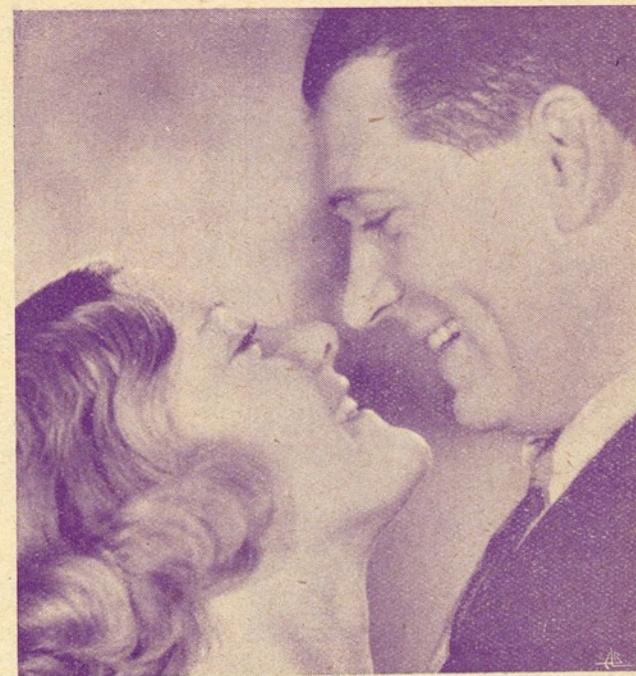
De 9 a 15 de Abril

- Abril 9—Thomas Meigham (53).
- 9—Carmel Myers (31).
- 10—Nick Stuart (26).
- 10—George Arliss (64).
- 10—Tim MacCoy.
- 12—Virginia Cherril (24).
- 12—Frank Borzage (realizador).
- 13—Glady Walton (28).
- 13—Tully Marshall (68).
- 14—Claire Windsor (35).
- 15—Richard Travers (42).

“A Amorosa Aventura”

Realização de Vilhelm Thiele. Cenários de F. Schulz. Música de Ralph Erwin.
Produção de Marcel Vandal e Charles Delac. — Programa Castelo Lopes, Lda.

PRINCIPAIS INTERPRETES — ALBERT PRÉJEAN, MARIE GLORY, MADY BERRY e PAULETTE DUBOST



Ensaio sobre o “sex-appeal” das “estrelas”

Às vezes, quando vamos ao cinema, ouvimos o vizinho do lado, — quasi sempre um velho gaiteiro e atradiço... —, dizer para pessoas da sua família: — «Esta artista tem a frescura da juventude... Mas não tem mais nada...»

Este julgamento tam simplista é idêntico ao nosso: a diferença é de palavras... Aquele encanto é para nós o «sex-appeal»... Uma «vedeta» com o «sex-appeal» não exerce ordinariamente nenhuma influência sensual sobre os homens. Isto é, o «sex-appeal» é qualquer coisa essencialmente cerebral, — alma e coração.

Encontramo-las gentis, graciosas, bem feitas... Será, dêste modo o «sex-appeal» mais uma qualidade das «estrelas» cinematográficas? Sem dúvida alguma, — mas também é uma qualidade sómente apreciada pelos homens, pelo elemento masculino... Os instintos das senhoras proibem-lhes encontrar belas ou simpáticas as suas rivais... Façam vocês a experiência... Levai ao cinema a vossa noiva, uma vossa amiga, a vossa mulher... Dizei da Lilyan Harvey: «E' encantadora!...» A vossa companheira logo fará beicinho e dirá com rancor mal contido: — «E' mais do que encantadora, é deliciosa...» Murmurai daí a pouco: — «Decididamente ela embala-me!... Faria tolices para conquistar uma mulher destas!...» Imediatamente vereis dois lábios a tremerem e a sentença virá implacável: — «Sempre julguei que tivesses melhor gosto!...»

As mulheres não embirram com as artistas do cinema por possuírem mais encantos e atractivos do que elas: só não podem tolerar a influência que as artistas produzem nos homens...

Como dissemos, o «sex-appeal» é qualquer coisa de essencialmente cerebral. Uma artista «exciting» é como um quadro: cada um vê nele o que quer ver, segundo a sua cultura, o seu gosto e o seu «snobismo».

A «Gloconda» tem imenso «sex-appeal»... Não ha nada de mais desagradável do que ver uma artista sem «sex-appeal» esforçar-se por fazer crêr que o possui — pela persuasão dos «deshabillés», de olhadelas e de trejeitos provocantes numa teoria de «french cancan»... Mas a homenagem que por vezes lhe tributam val mais para o mistério carnal do seu corpo do que para a elevação do seu espirito e do seu talento.

A Marie Glory é uma «estrela» cheinha de «sex-appeal»... Aqui na redacção todos andamos apaixonados por ela —, como os românticos do século passado... O Adolfo anda mesmo com a mania de pintar um belo retrato de Marie Glory para colocar em cima da secretária... Ora reparem no retrato que na capa publicamos... Não acham que é encantadora, a Marie Glory?...

Irene Vernier, jovem senhora rica e sedutora, vive quasi abandonada do marido, cujos negócios muitas vezes servem de pretexto a escapadelas libertinas.

Não é que Vernier sinta por Irene uma indiferença completa, mas abusa da tranquillidade moral que provoca a frivolidade.

Uma noite, Irene e a sua amiga Eva resolveram tentar uma fugida.

Vestidas com simplicidade, vão a um baile popular disfarçadas de criadas.

Irene torna-se logo objecto das atenções um tanto brutas de Alberto, «rapaz do meio», que advinha nela um bom negócio.

A jovem senhora, um tanto assustada, encontra na pessoa de Marcel Touzet, encadernador, rapaz tímido e sentimental, um defensor imprevisito.

Marcel, pequeno burguês de princípios, mas que a juventude e o coração tornam atraente, apaixonase por aquela que, para elle, se faz chamar Leônia.

E a fuga doméstica, tam mal começada, acaba para Irene num idílio comovente.

Marcel, com a sua ingenuidade e confiança na vida, com o seu ardor sentimental, desperta em Irene um desejo de recomeço, e aquela amorosa aventura era tam linda, tam imprevisita... Cede suavemente e val uma noite ceiar com Marcel...

Este, todo entregue ao seu amor, quer fazer de Leônia uma mulher completa, educá-la acima da sua condição, instruí-la, aperfeiçoá-la.

Irene, enterneçada, deixa continuar a ilusão e chega a prender-se no seu próprio jogo.

Passaram-se quinze dias de felicida-

dade. Mas Irene, saindo de casa de Marcel, uma noite, esquece-se da bolsa, que continha cinco mil francos.

O mancebo fica ansioso. Como era que semelhante soma poderia pertencer a Leônia? E assusta-se com a idéa de que talvez ela comesse uma indelicadeza com a sua patrão, Madame Vernier.

Aquella idéa tornou-se-lhe insupportavel. Pegando no chapéu, e depois de ter recorrido ao telefone, resolve-se a ir ver a sua amante. Chega em meio duma grande recepção, faz-se empurrar pelos criados, reclama a todos a mulher que ama.

Irene e Eva viram-no. Tremendo, a jovem senhora muda de vestido e penetra na copa. Encontra-se tam perturbada com a presença de Marcel que as suspeitas do mancebo se accentuam e grita dizendo que pretende falar a Madame Vernier. Eva intervem.

Madame Vernier? Era ela. Os cinco mil francos entregara-os a Leônia para compras, e para que Marcel não volte, expulsa de casa a pobre criada de sala!

Marcel, contristado, quer reparar o mal que julga ter feito. Como ama Leônia, casará com ela.

Como os pais de Marcel eram fotógrafos, elle introduz em casa deles a noiva a pretexto de lhe tirar uma fotografia. Depois de algumas perguntas, Madame Touzet acha Irene tam adoravel que Marcel lhe pede no mesmo instante para casar com ela.

Que fazer? Irene foge e volta no dia seguinte a casa de Marcel coberta de joias.

Madame Vernier não era Eva mas ela; nem as suas joias, nem os seus milhões, porém, a impediriam de amar

Marcel. Para elle não se chamaria ela sempre Leônia? Nada tinha mudado, nada. Mas Marcel, sentindo-se infeliz por ver o seu sonho de casamento desabado, recusa.

A campainha do telefone arranca o dos braços de Irene. Os pais de Touzet perguntam se Leônia quer ou não casar com o filho...

Irene, em face do desgosto do seu amante, não hesita. Escreve logo um bilhete de despedida ao marido e corre a um marco postal, enquanto Marcel se conserva ao telefone.

Mas o mancebo viu e agarra Irene, a qual lhe diz que acaba de romper com o seu passado. A princípio contente, Marcel vê logo a impossibilidade que ha para Irene de viver ao seu lado. Como poderia ela habituar-se a uma vida mediocre? Um mês, dois meses talvez, e depois? E era por uma pobre aventura amorosa que havia de entregar assim a sua vida?

E, enquanto Irene, toda satisfeita, prepara o seu primeiro jantar de apaixonados, Marcel dirige-se a casa de seu marido.

Vernier recebe-o, desconfiado. Marcel, descobrindo numa bandeja o bilhete ainda intacto, pede-lhe que o não abra. Vernier tira a condição de saber onde está Irene. Marcel hesita. Depois, pegando no telefone pede o seu número. Logo que ouve a voz de Irene, passa o aparelho a Vernier.

O marido frívolo compreende tudo que vai perder, em grande parte por sua culpa. Pede apenas a Irene que o acompanhe ao teatro. A jovem senhora regressa tristemente. Marcel não teria razão?

Bem perto da ilusão, existe a decepção duma aventura amorosa.

A censura cinematográfica

Desde que foi criada a censura cinematográfica nos vários países, o critério dos censores é cada vez mais apertado, mais rigoroso, chegando a ser cortados os aspectos mais anodinos da vida cidadina.

Na maioria dos países está proibida a exhibição de filmes representando agressões à policia e à força armada, bem como tudo quanto representa cenas pornográficas, — que exercem um grande poder contagioso e são demasiado sugestivas.

Outro tanto acontece às passagens de um forte realismo, não constituindo em geral excepção a este critério os próprios filmes históricos. Ainda recentemente os censores suecos mutilaram severamente um filme sobre os colonizadores americanos onde se via um índio atravessado pela flecha de outro índio...

Nos países sul-americanos não ha censura oficial, mas o gosto do público é de tal ordem que não seria fácil atrever-se um empresário a exhibir, por exemplo, filmes que tratem de divórcios, — pois aquella santa gente considera o divórcio um caso tam sério que não é possível fazer dele um motivo de distracção...

No Japão não se podem projectar cenas com beijos furtivos. Na Inglaterra tambem estas cenas não são bem acolhidas. As películas de «gangsters» e policiaes estão proibidas em Inglaterra. Tambem foi prohibido o filme extraído da célebre novela de Theodore Dreiser «A Tragédia Americana», por ser considerado de duvidosa moral. A censura inglesa acaba de prohibir os filmes de assuntos trísticos com a situação económica e com a baixa da libra para que o afflijam ainda mais com semelhantes películas...

Contra o filme «O Tenente Sedutor», de Maurice Chevalier, que ainda veremos esta temporada no Porto, protestaram as censuras de várias nações, por a idéa monárquica ser o objecto de causticante troça. Noutros países, segundo nos informam, não causou escândalo essa troça, e apenas foi necessário cortar algumas cenas amorosas...

Ha tambem países onde é proibida a exhibição de pernas ao léu: Na Finlândia, por exemplo, é tam grande a importância que dão às pernas que é prohibido projectar mulheres subindo escadas... A censura mais severa é certamente a deste país, que não só é inimiga encarniçada das pernas das girls como tambem proíbe em absoluto todos os filmes cujos argumentos andem em volta de quaisquer delittos, sendo igualmente inexistente com as cenas de soborno de funcionários.

(Continua na página 11).



LYA DE PUTTI, ha pouco tempo falecida em Hollywood

Há apenas cinco meses, morria Lya de Putti, em Nova-York, em consequência duma delicada operação na garganta. A vedeta de *Variedades* e de tantos outros belos filmes teve sempre, até o seu termo, uma vida movimentada e dolorosa. Há poucos dias, depois do suicídio dum milionário húngaro, chamado Toltan de Szepessy, tornaram-se conhecidas mais algumas curiosas revelações sobre a vida íntima da célebre estrela.

Em 1915, Lya de Putti contraía com o sr. de Szepessy um casamento secreto. Teve dele duas filhas, o que não deixará de surpreender não só os inumeráveis admiradores da estrela mais até os seus íntimos, muitos dos quais ignoravam esta dupla maternidade.

Os primeiros anos do casamento de Szepessy decorreram na mais perfeita felicidade. Mas a jovem esposa fatigou-se logo dessa vida, que se tornava monótona, em meio das vastas propriedades do milionário húngaro.

Reconhecendo embora as alegrias domésticas, as quais depois devia elogiar tristemente aos seus íntimos, Lya de Putti sentia-se invencivelmente atraída pelos «studios», que deviam fazer a sua glória.

Inconsolável, Toltan de Szepessy consentiu, contudo, no divórcio, mas, a despeito do seu grande amor pela esposa que não cessou de amar, e pela qual devia morrer, recusou sempre deixar-lhe ver as filhas, que hoje teem, respectivamente dezasseis e catorze anos.

Inflexível nessa resolução, devolvia as cartas e os presentes que a sua antiga mulher enviava às pequenas.

«Vossa mãe morreu», não deixava de repetir o desgraçado pai, e fez construir um túmulo com a seguinte inscrição: *Lya de Szepessy. Falecida em 1920.*

A sepultura nunca deixou de estar coberta de flores por seus cuidados.

Ao saber da morte trágica de Lya de Putti, em novembro último, o sr. de Szepessy experimentou um tam profundo e invencível desgosto, que o levou a por termo à vida há três semanas... Tam certo é que o dinheiro não faz a felicidade.

Dentro e Fora

Nora Gregor, a actriz alemã que a «M-G-M» contratou, e que está interpretando em Culver City «The Truth Game», com Robert Montgomery, nunca principia uma cena sem que o seu cãosito esteja sentado numa cadeira, perto dela. Nora Gregor diz que o cãosito é a sua *mascotte*.

O realizador alemão Friederick Zelnick vai produzir «A Dançarina de Sans-Souci», com Lil Dagover e Otto Geubehr.

Clara Bow acaba de adquirir os direitos de filmagem de «Souls in Pawn», da autoria de Charles Putnam, que escreveu o argumento de «It», um dos grandes exitos de Clarinha no cinema silencioso.

Nos studios de Billancourt está sendo preparada a continuação de «Fantomas», que Paul Fejos terminou há pouco, e que se estreará em Paris em Abril. A continuação levará o título «Juve contra Fantomas», e a realização não será de Paul Fejos mas sim dum novo, Jean Mamy.

Sucesso de «Dois Corações a Compasso», em Paris

Ha 5 semanas que o filme «Dois Corações a Compasso», com Lillian Harvey e Henry Garat, está sendo exibido em Paris, simultaneamente nos cinemas «Agriculteurs» e «Bona-parté», sob o título «Fa Fille et le Garçon».

O apreciado actor cómico francês Lucien Baroux, que vimos em «Uma Noite de Rusga», que fez o «Intendente do Teatro em «A Princesa Encantadora», e que vemos brevemente ao lado de Lillian Harvey e Henry Garat em «Dois Corações a Compasso», foi contratado pela «Osso» para um dos principais papéis de «La Belle Vie», que Karl Lamac está dirigindo em Viena com Anny Ondra como protagonista.

O mais atractivo vestuário até hoje usado por Greta Garbo, está sendo preparado para uma das cenas de «As You Desire Me» («Como tu me desejas»), em que Greta Garbo faz o papel de dançarina vienense.

O desenhador foi Gilbert Adrian, o autor dos vestuários de muitos filmes da «M-G-M», entre os quais «Madame Satan».

A «Ufa» acaba de anunciar os seus projectos de produção para a época 1932/33, segundo os quais fará 20 filmes de grande metragem. Desses 20 filmes, os 12 melhores terão uma versão francesa.

Conrad Nagel vice-presidente da Academia Cinematográfica Americana, declarou há pouco que, de 25.000 artistas inscritos em Hollywood, apenas 23 recebem salários considerados elevados.

Nova fita de Marie Glory

A linda e excelente actriz Marie Glory, que vimos em «O Senhor Director» e que os cinéfilos do Porto verão na próxima semana em «A Amorosa Aventura», vai interpretar para a «Paramount», em França, a fita «La Petite Femme Dans le Train», com Saint-Granier e Bélières.

No dia 17 de Março, todos os studios de Hollywood tiveram um minuto de silêncio, em memória de George Eastman, cujo funeral se realizou naquele dia, em Rochester.

A fita «O Congresso que Dança», será distribuída na América pela «United Artists», que garantiu à «Ufa» a importância de 50.000 dolares, ou seja, perto de 1.500 contos. Se tivermos em consideração que a América é um mercado pelo menos 200 vezes maior do que Portugal, a «Ufa» não deveria exigir pelos seus melhores filmes para o nosso país, mais do que 250 dolares, ou seja, 7.500 escudos. Não deveria exigir, mas exige... enquanto houver quem lhos pague.

O realizador francês Jaquelux, acompanhado dos operadores Forster e Pocher e dos seus intérpretes principais, tem estado em Espanha tirando exteriores para o seu filme «Le Picador».

Ernst Lubitsch firma novo contrato com a «Paramount»

O famoso realizador Ernst Lubitsch, de quem veremos brevemente «O Tenente Sedutor», com Maurice Chevalier, acaba de fechar novo contrato com a «Paramount», pelo qual Lubitsch receberá 125.000 dolares (mais de 3.500 contos) pelo seu trabalho na próxima fita que a «Paramount» produzirá sob a sua realização.

René Guissart já terminou nos studios da «Paramount», em St. Maurice, a fita «La Perle», com Suzy Vernon, Robert Arnoux, André Berley e Lurville.

dos Studios

O grande industrial automobilista americano Walter P. Chrysler, ofereceu no dia 21 de Março um chá em honra de Ernst Lubitsch, na torre do Edifício Chrysler, em Nova-York, por motivo da estreia, no dia 22, do seu recente filme «Uma hora contigo», simultaneamente nos cinemas «Rivoli» e «Rialto», de Nova-York.

No filme «Destry to Death Valley», que Tom Mix está interpretando, tomam parte Lois Wilson, Mae Busch, Fred Kohler, Forrest Stanley, Francis Ford e Ottis Harlan.

No dia 2 de Abril, em Viena, Carl Lamac começou a nova fita «La Belle Vie», para a «Osso», com Anny Ondra como protagonista.

Jaque Catelain, que ultimamente tem trabalhado no teatro, volta aos studios, parecendo que vai ser o primeiro actor do filme «L'Espionne», de Victorien Sardou, que Marcel l'Herbier pensa realizar.

Novo filme de Eddie Polo

O actor americano Eddie Polo, que já ha muitos anos se encontra na Alemanha, é um dos intérpretes principais do recente filme «Es ghet um Alles», da «D. L. S.». Os outros intérpretes masculinos são Luciano Albertini, Domenicc Gambino e Carl Auen.

A actriz alemã Renate Mueller, uma das mais populares na Alemanha, assistiu à estreia do seu recente filme «Maedchen zum Heiraten», em Colonia, tendo sido calorosamente recebida pelo público.

O realizador George Cukor, cujo contrato com a «Paramount» expira em Junho próximo, recebeu uma proposta, que talvez aceite, para dirigir uma série de 3 fitas para a casa «Trafalgar Pictures», de Londres.

George Bancroft vai interpretar para a «Paramount» a fita «The Challenger», sob a direcção de Stephen R. Roberts.

Sidney Kent, que há pouco deixou de ser um dos dirigentes da «Paramount», foi nomeado Vice-Presidente da «Fox».

Claudette Colbert e Clive Brook serão os protagonistas do filme que a «Paramount» tem em preparação, e que provisoriamente se intitula «Bride of the Enemy» («Noiva do Inimigo»).

A «Ufa» está preparando um novo filme em alemão com Lillian Harvey e Willy Fritsch, cujo título ainda se ignora. O argumento é de Robert Liebman e G. A. Semmler, a direcção será de Ludwig Berger e a produção Erich Pommer.

Emil Jannings deixa o cinema?

Um telegrama de Viena informa-nos de que o actor alemão Emil Jannings, muito popular em Viena, foi convidado para Director dos «Deutschen Volks-Theaters» daquela cidade.

O grande operador alemão Karl Freund, é o fotógrafo do novo filme da «Universal», «Back Street», que John M. Stahl está dirigindo.

O título do filme «Sensation», que Claudette Colbert e Edmund Lowe produziram nos studios da «Paramount» em Nova-York, foi alterado para «The Misleading Lady».

O realizador russo Tourjansky, há já muitos anos em França, vai dirigir para a «Osso» o filme «Hotel des Etudiants», de Henri Decoin.

E' provável que King Vidor, logo que termine a fita «Bird of the Paradise», que está produzindo para a «RKO», faça uma nova fita para aquela casa, a não ser que a «M-G-M», a qual King Vidor está ligado por contrato, precise dos seus serviços.

O grande escultor alemão George Koch acaba de executar o busto de F. W. Murnau, realizador de «Tabu». Este busto será colocado num lugar de honra, no Pavilhão Ufa, de Berlim.

A censura cinematográfica

(Continuação da página 9)

Todavia, os impostos são um dos melhores argumentos da censura finlandesa; ainda não ha muito, se o final de certo filme fôsse exibido tal como estava, os impostos seriam sobrecarregados com mais 35%; mas se fôsse exibido de forma «verdadeiramente artística», sem a cena final, então o imposto não ascenderia a 15%...

Terrível argumento este, que felizmente não é empregado em Portugal!...

Correspondência

A falta de espaço obriga-nos a deixar para o próximo número a secção de «Correspondência». Mil desculpas aos leitores.



Sari Maritza é a primeira que aqui vemos. As outras são Kate de Nagy e Anna Sten, respectivamente as protagonistas das versões inglesa, francesa e alemã de «A Loucura de Monte-Carlo»

SARI MARITZA, a nova «star» da «Paramount»

A «Paramount» acaba de contratar mais uma estrela de grande fama: chama-se Sari Maritza e conta apenas vinte e um anos de idade.

Sari Maritza é uma encantadora actriz que tem desempenhado alguns papéis em filmes europeus, tendo sido a interprete da versão inglesa de «A Loucura de Monte-Carlo», o curioso fonofilm de «Ufa», em cuja versão francesa vimos Kate de Nagy.

Filha de pais europeus, Sari nasceu na China; educada em Berlim, estudou posteriormente em Paris, em Londres e na Suíça, indo depois para a Austria, terra de sua mãe. Miss Sari é uma verdadeira poliglota, pois fala corretamente o francês, o inglês, o alemão e até a linguagem erudita dos mandarins.

Se bem que esta seja a primeira vez que a encantadora «star» se encontra nos Estados Unidos para trabalhar como artista cinematográfica, ela já estivera em Hollywood há uns dez anos, — precisamente quando o conhecimento de vários idiomas era um predicado que para nada servia no cinema.

Ao ser entrevistada pelos jornalistas de Hollywood, Sari Maritza declarou cheia de audácia:

— «Não, não ajustel casamento com Charlie Chaplin!... Dancei com Chaplin em Londres, tomamos chá juntos em diversos lugares e falamos de todas as coisas possíveis, — menos de amor... Falámos de cinema, dos projectos de Chaplin, dos meus projectos, — mas a verdade é que os nossos projectos pelo menos no presente, não incluem a ideia de um próximo casamento!...»

Assim falou Sari Maritza desfazendo mais uma balela... cinematográfica... E este desmentido teve um grande significado, pois na imprensa americana corra boato de que a galante estrela seria a terceira esposa do famoso comediante das «Luzes da Cidade».

... Esqueçiamo-nos de dizer que Sari Maritza tem olhos azuis, cabelo castanho e pesa 52 quilos... Tiramoss assim trabalho ao camarada «Eu sei tudo», — porque é certo e sabido que mela dúzia de cinéfilos bréjeltros já ficaram apaixonadíssimos pela Sari... 11

CAPRICHOS DE «ESTRÊLAS»



A miséria dourada de Hollywood!... Vãs esperanças,— a glória que fenece num doloroso poente de rosa e oiro... Uma vida faustosa que acabou,— mais uma vida miseranda que começa... O dealbar da aurora já não vai amortece o brilho daquela «estrêla», porque a «estrêla» já se apagou, já se extinguiu...

Caprichos de «estrêlas», caprichos de Hollywood... O canto do cisne que pela derradeira vez se faz ouvir...

Foi o que sucedeu a Charles Roy... Deu em Hollywood uma «soirée» que foi coisa falada... No dia seguinte toda a gente sabia que estava arruinado... Duas orquestras, variedades, um banquete monstro no parque do seu palacete... Era a última peça de fogo de artifício, o brilhante adeus à fortuna,— um meio elegante de acabar em beleza...

Não foi este gesto desesperado que levou Glória Swanson a organizar ha alguns anos uma festa nocturna fabulosa. E' que naquele momento falava-se pouco de Glória Swanson, a atenção pública não a focava, parecia ir esquecê-la... Foi a época mais decisiva e mais infeliz da sua brilhante carreira antes da inovação dos «talkies»... Era necessário impôr-se por qualquer gesto, por mais extravagante e disparatado que parecesse... A atenção dos magnates do cinema e dos habitantes de Hollywood devia aureolá-la de novo... Glória Swanson mandou construir um «pátio» e enviou os convites para a sua festa. Um dia, os operários vieram dizer-lhe que não poderiam acabar o trabalho, porque não havia areia... A festa estava marcada para o dia seguinte... Eram oito horas da tarde e a menor perda de tempo podia ser fatal... Glória chamou meia dúzia de «taxis» e mandou os

Eisenstein consegue voltar de novo aos Estados- Unidos

Depois de várias *démarches*, o realizador russo Serge M. Eisenstein conseguiu licença para entrar nos Estados- Unidos, onde poderá residir durante três meses, não podendo empregar-se em qualquer trabalho pelo qual receba remuneração. Eisenstein partiu para San Antonio, Texas, onde foi conferenciar com o escritor americano Upton Sinclair, que foi quem financiou a fita que Eisenstein fez no México.

A casa «Fox» acaba de contratar vários artistas alemães para irem sincronizar em alemão, nos estúdios «Tobis» em Epinay, alguns filmes daquela marca feitos na América.

buscar areia à prala... Esta estranha caravana durou toda a noite... Custou algumas centenas de dólares, mas o «pátio» florido estava pronto às primeiras horas da manhã...

Nestes gestos largos, nestas brincadeiras caras, ha evidentemente o desejo de espantar, de chamar a atenção... Mas por vezes tambem se encontra uma intenção encantadora, um profundo desejo de fazer o bem... Marie Dressler recebeu de Marion Davies, quando foi promovida «star», um camarim rolante ricamente mobilado, com as paredes cobertas de seda côr de rosa... Marie Dressler agradeceu a Marion Davies, — e cheia de contentamento mandou fazer um camarim igualzinho para oferecer à sua amiga Polly Moran, a quem a sorte não fóra muito propícia nessa ocasião... Este oferecimento tem qualquer coisa de cativante, — parece uma prenda da avózinha à neta querida...

Richard Barthelmess deve o seu primeiro successo a «Toi'able David». Esta pelicula foi filmada ultimamente em versão falada, e espontaneamente, Barthelmess felicitou Richard Cromwell, — que ocupou o seu lugar e fez esquecer a sua interpretação... E permitiu mesmo que o seu testemunho fôsse empregado para a publicidade do novo actor...

Sabida a rivalidade que presentemente existe entre os antigos actores, que não querem perder o seu lugar, e os novos, ambiciosos e decididos a vencer, o gesto de Barthelmess tem generosidade e elegância...

São bonitos gestos de artistas, generosos e irreflectidos, que fazem esquecer todas as suas extravagâncias!...

MARIA EDUARDA.

Raoul Walsh contratado pela «M-G-M»

Raoul Walsh, um dos grandes realizadores americanos, acaba de assinar um contrato de longa duração com a «Metro-Goldwyn-Mayer». Raoul Walsh foi o realizador de «O Preço da Glória», «O Mundo às Avessas», «Saddie Thompson», «Il Old Arizona», «A Pista dos Gigantes», «Women of All Nations», «The Yellow Ticket», etc.

Ainda não se sabe o título da sua primeira fita para a «M-G-M».

Claudette Colbert tem um excelente papel em «O Tenente Sedutor», ao lado de Maurice Chevalier e Miriam Hopkins. Esta jovem actriz, elegante, talentosa, bonita, no papel de Franzi, daquele filme, tem uma interpretação que vai consagrá-la como uma das boas actrizes do fonocinema. Quando é que se estreia o «Tenente Sedutor»?



Os cinéfilos lisboetas andam radiantes! Já viram «Dois Corações a Compasso», já apreciaram a Jenny Berger que a nossa Lilianzinha interpreta maravilhosamente, já ouviram «Me Voilà», cantado pelo simpatiquíssimo Garat, e já riram imenso com as boas piadas de Lucien Baroux.

Nota do legendista: *Eu também já vi "Dois Corações a Compasso"! Que suco! E a Lilianzinha? Ai!...*

Pelas nossas Cinemas

INSPIRAÇÃO (Inspiration): — Greta Garbo aparece-nos no seu segundo fonofilme (o terceiro de produção, porque «Ana Christie» ainda não foi exibido entre nós) em todo o esplendor da sua Arte, na demonstração mais positiva do seu enorme talento, na confirmação indiscutível das suas possibilidades muito grandes, completas, no cinema falado, tam completas e tam grandes como as que lhe oferecia o cinema silencioso, onde foi rainha, das mais simpáticas, das mais queridas, das mais populares, das Maiores. E das Maiores continuará sendo



agora no novo aspecto do cinema, que os detractores de Greta Garbo, os que se apaixonaram por qualquer outra vedeta ou os que poderiam lucrar com o seu declínio, começaram anunciando como a descida íngreme por onde resvalaria a carreira brilhante da famosa estréla sueca.

Como êles se enganaram, os maldizentes profetas!...

«Romance», ha tempos, e agora, «Inspiração», são demonstrações bem convincentes do enorme poder histrionico de Greta Garbo, da versatilidade da sua máscara, da maleabilidade da sua figura, expressiva, comunicativa, dominadora, das suas possibilidades muito largas, das suas facilidades muito grandes, a collocar-se num nível, se não superior, pelo menos igual, agora nestes dois fonofilmes, às suas meliores interpretações do cinema silencioso.

A sua «Ivonne», de «Inspiração», vale bem as suas marcantes criações de «O Demônio e a Carne», de «A Torrente», de «A Dama Misteriosa», de «Ana Karenina». E Greta Garbo, depois do seu magnífico trabalho de «Inspiração», pode, à vontade, desafiar os maldizentes, pode enfrentar serenamente as maiores exigências do microfone e da camara, porque o seu saber é muito profundo, porque a sua inteligência é muito vasta, porque é incomensurável a sua alma de Artista. O que Greta Garbo precisa é de bons reali-

zadores e bons assuntos, que tornem os seus filmes possuidores de grande aceitabilidade internacional, que não restringindo-a apenas aos mercados de fala inglesa. E aí está o grande mal de «Romance» e de «Inspiração», a que Greta Garbo é completamente alheia. Marlene Dietrich, que eu considero tam grande artista como Greta Garbo, tem tido meliores dirigentes e meliores colaboradores, e os seus filmes teem mais caracter internacional do que os de Greta Garbo.

«Inspiração» e «Romance», são aproveitados de obras literárias ou teatraes, e vivem do diálogo, de situações construidas por fraseado, de modo que tais filmes nunca podem ter entre nós a aceitação que lhes poderão dar, como simples espectáculo que não como cinema, na América ou na Inglaterra. E desta maneira, Greta Garbo aparece-nos isolada, e só a sua atuação extraordinariamente sobrepujan'e torna o filme merecedor do agrado do nosso público.

Robert Montgomery, que nos aparece pela primeira vez como actor principal, não tem qualidades para *leading-man* de Greta Garbo nem de qualquer actriz de grande categoria. Imóvel de rosto, sem a mais pequena nuança na sua voz, que lhe modifique a inflexão, consoante o seu estado anímico, apático em extremo, «disse o seu recado» com certa dificuldade, hesitou em enfrentar a objectiva, e atravessou todo o filme como um boneco de corda... Não dou nada por êste Robert Montgomery! Ah, que se no papel de André estivesse um Chester Morris ou mesmo um John Gilbert!...

Lewis Stone, no pouco que teve que fazer, foi o costumado grande actor. Excelente, a cena em que se despede da amante!

Boa fotografia de William Daniels, salientando bem os lindos interiores de Cedric Gibbons, qualidades usuais nos filmes da «M G-M». A realização de Clarence Brown sem nada de notável. Fez o que pôde, desde que o cenário não se prestava a melhor cinema.

Desta maneira, «Inspiração», a-pezar da abundancia do diálogo e da pouca movimentação (por favor, não ponham a Garbo a servir de heroína de peças teatraes, que difficilmente se «traduzam» no cinema!), vale principalmente pela bela interpretação de Greta Garbo. E não é pequeno, êsse valor!

Autor: Gene Markey. Cenarista: O mesmo. Fotógrafo: William Daniels. Decorador: Cedric Gibbons. Director de som: J. K. Brock. Realizador: Clarence Brown. Intérpretes: *Ivonne*, Greta Garbo; *André*, Robert Montgomery; *Delval*, Lewis Stone; *Lulu*, Marjorie Rambeau; *Odette*, Judith Vosselli; *Marthe*, Beryl Mercer; *Coutant*, John Miljan; *Julian Montell*, Edwin Maxwell; *Vignaud*, Oscar Apfel; *Madeline*, Joan Marsh; *Pauline*, Zeldia Sears; *Liane*, Karen Morley; *Gaby*, Gwen Lee; *Jouvet*, Paul McAllister; *Gavarni*, Arthur Hoyt; *Haland*, Richard Tucker.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada no «Águia d'Ouro» em 4 Abril 1932.

FATALIDADE (Dishonored): — Quem disse que a Marlene Dietrich queria destonar a Greta Garbo? Rívais no talento, que em ambas muito grande, isso sim! Mas nada mais! Cada uma tem a sua

maneira. O seu estilo próprio. A personalidade particular que distingue as grandes artistas. Marlene Dietrich, na heroína de «Fatalidade» dá-nos a confirmação da sua personalidade muito própria, do seu *it*, muito seu, que nos revelou em «O Anjo Azul» e depois em «Marrocos».

Marlene Dietrich é a heroína ideal de Josef von Sternberg. O «modo» de Marlene Dietrich ajusta-se perfeitamente à técnica pessoal de Von Sternberg. No cinema silencioso, Marlene substituiria facilmente Evelyn Brent em «Vidas Tenebrosas», Betty Compson em «Docas de Nova-York». Agora, em «Fatalidade», talvez porque o argumento foi escrito pelo próprio Von Sternberg e proposadamente para Marlene Dietrich, a grande actriz salienta-se mais ainda que nos seus dois fonofilmes anteriores. «X 27», papel excessivamente ingrato, cheio de sinuosidades pela subtilidade da figura daquela personagem traçada por mão de mestre, e, como tal, de extraordinárias exigências, foi amplamente cumprido por Marlene Dietrich.

Sem exagêros, sem gestos volumosos, sem a mais pequena partícula de superficialidade na encarnação daquela espia que amava a sua pátria mais do que a sua vida, mas que se perdeu, porque amou um official inimigo mais do que a sua pátria, Marlene Dietrich, serena, comedida, confiante no seu talento, encanou cada diálogo, todos os diálogos (diálogos cinematográficos, com o máximo de expressões visuais e o mínimo de expressões auditivas), cada cena, todas



as cenas, cada sequencia, todas as sequências, com o maior poder de natural exteriorização, em que o seu rosto, em que os seus olhos, movimentando-se com a máxima precisão ao capricho das mais diversas nuanças que a descrição do entretcho impunha, foram suficientes para esculpir bem acentuadamente a figura daquela mulher, os seus estados d'alma, a profundeza dos seus sentimentos, que ela nos transmite, galvanizando-nos, magnetizando-nos, prendendo-nos à tela, fazendo-nos esquecer de que estamos no cinema...

Josef von Sternberg, que continua a ser dos mais cinéfilos realizadores fonofílmicos, deu-nos em «Fatalidade» outro

grande trabalho de cinema sonoro. Em minha opinião, ficou um quasi nada à quem da beleza cinematográfica de «Marrocos», mas nem por isso deixou de nos apresentar um trabalho bem conduzido, de intensa movimentação, sem nada que seja superfluo — a não ser o uso constante que fez do «encadeado», com uma demora na ligação das cenas, superior ao habitual, demora que as confunde e que, a meu ver, as prejudica. Sobretudo, ha que observar como Sternberg continua evitando os grandes diálogos, como elle reduz as expressões verbais, substituindo-as por imagens de continuo interesse, sem o menor prejuizo para a intensidade da acção. Um grande realizador, este Von Sternberg!

A' volta de Marlene Dietrich no elenco de «Fatalidade», um grupo de actores de categoria, que dão a todas as personagens, mesmo às secundárias, um notável equilibrio. Victor MacLaglen, na primeira figura masculina, impõe-se como grande actor, contracenando com Marlene Dietrich sem se deixar apoucar pela posição destacante que esta actriz, merecidamente, mantem em todo o filme. Ripostou-lhe convenientemente, não se inferiorizou — e aqui está o seu melhor elogio. Gustav von Seyffertitz, Warner Oland, Barry Norton e Lew Cody formam os complementos da interpretação, valorizando-a pela unidade de todas as figuras. Lee Garmes fotografou primorosamente «Fatalidade», com a mesma competência e sentido artistico com que nos entusiasmou em «Marrocos» e «Ruas da Cidade».

«Fatalidade» é uma super-produção que deve interessar e agradar a todo o público, que deve conseguir para Von Sternberg novos apreciadores do seu saber, para Marlene Dietrich novos admiradores das suas qualidades de grande actriz, mais que das suas já famosas pernas...

Autor: Josef von Sternberg. Cenarista: Daniel N. Rubin. Fotógrafo: Lee Garmes. Director de som: Harry D. Mills. Realizador: Josef von Sternberg. Intérpretes: X-27, Marlene Dietrich; O oficial russo, Victor MacLaglen; Chefe do serviço secreto, Gustav von Seyffertitz; General Von Hindau, Warner Oland; Outro oficial russo, Lew Cody; Tenente austriaco, Barry Norton; Oficial do Tribunal, Davidson Clark; General Dimov, Wilfred Lucas.

Produzida em 1931 pela «Paramount». Programa Paramount Films S. A. Estreada no «Trindade» em 5 Abril 1932.

SEVILHA DOS MEUS AMORES (Sevilla de mis amores): — Ramon Novarro dirigiu e interpretou esta película falada em espanhol. Como realizador cinegráfico, Ramon Novarro não deu provas de competência e não o felicitou pelo seu trabalho. Toda a película está apresentada teatralmente, com diálogos continuos, com declamação permanente, sem

a minima dose de cinema. Mas, como interprete, Ramon Novarro merece o meu elogio, como merece o de todo o público que vir «Sevilha dos meus amores». O seu «Juan de Dios» é uma figura que lhe vai maravilhosamente, que se lhe adapta com grande justeza, e que Ramon Novarro desempenha com a precisão que lhe dão as suas apreciáveis qualidades de actor, com a propriedade que lhe dá o sangue hispano que lhe corre nas veias.

Dos outros elementos da interpretação, apenas Rosita Ballestero se evidencia com elemento de valor. A inflexão da sua voz nas disputas com Ramon Novarro, logo transitando para a provocação amorosa; a sua perversidade como comparsa da accusação que é feita ao homem que ama; e a cena final do seu sacrificio, dão a Rosita Ballestero as honras da interpretação, depois de Ramon Novarro. Conchita Montenegro, num papel de pouca gratidão, sem oportunidade para se salientar; o que fez, não foi mal feito, mas foi muito pouco. José Soriano Vlosca, no «Tio Esteban», simplesmente horrível; há muito melhor do que aquilo nos filmes portugueses de há 15 anos!

«Sevilha dos meus amores», repito, é uma fraca produção cinegráfica. Mas como o argumento possui situações que se callham admiravelmente com os sentimentos do nosso público, como não morre ninguém, como a Rosita Ballestero se arrepende do mal que fez e o Novarro casa com a Conchita, o filme, pode dizer-se, agrada sem reservas, e todo o pú-

blico sai satisfeito, a confirmar que o Pabst, o René Clair, o Von Sterneberg e o Fritz Lang são chapadamente burros...

E a gente aqui a apregoar cinefilismo há tantos anos! *Pa qué?*

Autor: Dorothy Farnum. Adaptador: Rafael Guerrero. Realizador: Ramon Novarro. Interpretes: Maria Consuelo, Conchita Montenegro; Juan de Dios, Ramon Novarro; Tio Esteban, José Soriano Vlosca; a bailarina, Rosita Ballestero.

Produzida em 1930 pela «Metro-Goldwyn-Mayer». Programa Metro-Goldwyn-Mayer Films, Ltda. Estreada no «Olimpia» em 4 Abril 1932.

N. do E. — *Estas referências a «Sevilha dos meus amores» não vão acompanhadas da costumada gravura, porque a empresa do «Olimpia» não pôde ceder-nos a respectiva fotografia.*

ALBERTO ARMANDO PEREIRA

Incontestavelmente o
melhor receptor é o

MENDE

Sonora — Radio

R. 31 de Janeiro, 190-PORTO

BATALHA
(SALÃO HIGH-LIFE)

TELEFONE 1407

CINEMA SONORO

EM PLENO EXITO
o grandioso filme falado, de aventuras

“O VINGADOR”

com a magnífica interpretação de JOHN MACK BROWN,
WALLACE BEERY, KAY JOHNSON e KARL DANE

E' um filme de KING VIDOR

PREÇOS POPULARES
A BILHETEIRA ABRE ÀS 2 HORAS DA TARDE

N.º 12

As senhas de cada número só são válidas para os espectáculos nelas indicados. Esta senha de bonus não dá direito a que os portadores entrem acompanhados de crianças.

No «Cine-Odeon» esta senha sómente é valida para os lugares de Fauteuil, Balcão e Camarote.

Senha de Bonus aos compradores do “CINEMA,”

Desconto de 40 % no “Trindade” e 50 nos restantes, nos seguintes espectáculos:

TRINDADE — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 14 e 16 de Abril

OLYMPIA — Matinéas de Quinta-feira e Sábado, 14 e 16 de Abril

BATALHA — Matinée de Quinta-feira, 14 de Abril

CINE-ODEON — Soirée de Sábado, 16 de Abril

Castelo Lopes, L.^{da}

**a firma detentora dos melhores
filmes europeus e americanos,**

apresenta na terça-feira, 12 de Abril, no "Trindade"

A Amorosa Aventura

(L'AMOUREUSE AVENTURE)

Super-produção falada e cantada em francês, com

Marie Glory

a mais linda actriz do cinema francês e

Albert Bréjean

um dos melhores e mais populares actores

DIRECÇÃO DE

WILHELM THIELE

o famoso realizador de "O CAMINHO DO
PARAISO" e "O SENHOR DIRECTOR"